



A ética da amizade cristã a partir da *Fratelli Tutti*. Uma reflexão teológica diante dos desafios do contexto contemporâneo

The ethics of christian friendship from the *Fratelli Tutti*. A theological reflection on the challenges of contemporary context

*André Luiz Boccato de Almeida**

PUC-SP

*Júlio Cezar Nascimento Morais***

PUC-SP

*Karolayne Camargo****

PUC-SP

Recebido em: 18/09/2023. Aceito em: 24/10/2023.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo explicitar e analisar o tema da ética a partir da encíclica *Fratelli Tutti* (FT) do Papa Francisco, destacando a

* Doutor em Teologia Moral (Universidade Lateranense de Roma, 2016). Mestre em Teologia (PUC-SP, 2009). Docente na PUC-SP. Líder do grupo de pesquisa Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade pela PUC-SP.

E-mail: albalmeida@pucsp.br.

** Mestrando em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa Capes. Bacharel em Teologia (PUC-SP, 2020, com bolsa do ProUni). Realizou sua iniciação científica com bolsa de fomento do PIBIC-CNPq. Atualmente participa do Grupo de Pesquisa José Comblin do Programa de Estudos Pós-graduados de Teologia da PUC-SP (GPJC/PUC-SP).

E-mail: julionascimentomorais@gmail.com.

*** Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2023). Graduação em Teologia (PUC-SP, 2020). Docente convidada no curso de Especialização em Teologia e Ensino Religioso (PUC-SP).

E-mail: karolaynecamargo18@gmail.com.





importância de lançar luzes sobre alguns desafios que emergem do contexto contemporâneo e que obstam uma verdadeira experiência de amizade. Sabe-se que o cristianismo está ancorado sobre a ideia da amizade, enquanto Deus que se comunica com a humanidade, em Jesus pelo Espírito Santo, tornando-se, assim, amigo de todos(as). A amizade é uma expressão do amor que enobrece o ser humano e eleva as relações a um nível de confiança muito profundo. O Papa Francisco fala em amizade em sua dimensão humana fundamental e na dimensão social. Na atual cultura, marcadamente individualista, a referência nas relações reduz-se às necessidades do próprio indivíduo que busca incessantemente satisfazê-las e obter prazer, em detrimento do outro. No cristianismo, o outro é a referência do eu. Emerge daí uma ética centrada na amizade enquanto expressão deste amor e felicidade. Nesta reflexão, pretende-se retomar, a partir da FT, uma ética da amizade que responda aos desafios que o contexto contemporâneo impõe. Tratar-se-á disso, aqui, em três partes: na primeira, serão abordados alguns desafios do momento atual para a amizade social, na segunda, se compreenderá como a tradição bíblica e eclesial lidou com o tema da amizade e na terceira, retomará a visão de esperança que brota da FT e seu desdobramento para a prática cristã. Assim, a análise contribuirá no destaque de uma ética da amizade que nasce da própria revelação em Jesus Cristo, que traz luzes e esperanças para o contexto atual.

Palavras-Chave: *Ética; amizade; Fratelli Tutti; teologia; individualismo contemporâneo.*

Abstract: *This article aims to explain and analyze the theme of ethics from the encyclical Fratelli Tutti (FT) of Pope Francis, highlighting the importance of shedding light on the issue of contemporary individualism that challenges the true experience of friendship. It is known that Christianity is anchored on the idea of friendship as God who communicates with humanity in Jesus through the Holy Spirit, thus becoming friends with everyone. Friendship is an expression of love that ennobles human beings and elevates relationships to a very deep level of trust. Pope Francis speaks of friendship in its fundamental human and social dimensions. In today's culture, which is markedly individualistic, the reference is reduced to the needs of the individual who incessantly seeks to satisfy his needs and happiness, to the detriment of the other. In Christianity, the other is the reference condition of the self. An ethics centered on friendship emerges as an expression of this love and happiness. In this reflection, it is intended to resume, from the TF, an ethics of friendship that responds to the challenge of contemporary individualism. It will be dealt with in three parts. In the first, some challenges of the current moment for social friendship will be addressed. In the second, it will be understood how the biblical and ecclesial tradition dealt with the theme of friendship. In the third, it will resume the vision of hope that springs from the FT and its unfolding for the Christian practice. Thus, the analysis will contribute to highlighting an ethics of friendship that is born from the revelation in Jesus Christ that brings light and hope to the current context.*

Keywords: *Ethic; friendship; Fratelli Tutti; theology; contemporary individualism.*



Introdução

No contexto hodierno muito se tem ouvido falar sobre “seguidores”, “curtidas”, “likes”, “compartilhamentos”, “visualizações” etc., até mesmo dentro de nossas Igrejas, mas muito pouco ou quase nada se tem dito sobre a ética e a amizade como forma de vida, ou ainda, como forma de vida característica e determinante na fé cristã à luz da revelação de um Deus que, em Jesus, nos considera seus amigos, compartilhando de sua vida conosco.¹

Alguns vão dizer que a pandemia da COVID-19 nos levou a comportarmo-nos de forma diversa uns com os outros, sem precisar e poder tocar, abraçar ou mesmo se aproximar. Todavia, hoje podemos observar que a reclusão e o isolamento a que nos forçou à pandemia, para muitos foi, na verdade, algo cômodo, pois contribuiu para a intensificação de um individualismo narcisista e consumista, ao mesmo tempo, homicida e suicida, sem precedentes na história. Distantes e isolados, cada um buscava viver e passar o tempo comprando, gastando, trabalhando, estudando, mas não auscultando o que se passava no coração do outro e na sociedade como um todo, como se pudéssemos viver assim para sempre.

Quatro anos depois, já é possível voltar ao convívio social, mas o vírus da indiferença ainda continua ativo e a máscara de proteção contra ele não é senão outra, a convivência fraterna e responsável. Isso porque a relação com o outro nos desestabiliza, nos questiona profundamente e nos faz ver que somos seres humanos em relação e criados para a relação. Isto é, seres humanos voltados essencialmente para um outro ser, que não é a máquina ou aquilo que se compra, mas um outro que me faz reconhecer e exclamar esse(a) é “carne da minha carne e ossos dos meus ossos” ao qual somos chamados a nos unir e cuidar.² É sobre esse desafio da amizade como forma de vida que se propõe dissertar este artigo, à luz da *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, como voz que clama no deserto de nossas consciências, para que um futuro diferente seja possível para todos em nossa Casa Comum. A reflexão se desdobrará em três momentos: no primeiro, será apresentado alguns desafios do momento atual acerca da amizade social; depois, alguns indicativos sobre a amizade presente nas perspectivas bíblica e da tradição cristã; por fim, lançar um olhar esperançoso da FT diante dos desafios atuais e do narcisismo contemporâneo.

¹ Jo 15,15.

² Gn 2,23.



1 Alguns desafios do momento atual para a amizade social

A proposta de vida cristã está, toda ela, baseada na experiência da revelação de Deus e de seu projeto para o ser humano, que se pode inferir da vida e ação de Jesus tal como as encontramos narradas nos Evangelhos. Tal proposta poderia ser resumida com as palavras “humanização” e “fraternidade”. Essas duas se implicam mutuamente e se intersignificam. É impossível alcançar uma verdadeira humanização fora da convivência fraterna entre as pessoas, e até com os demais seres, e a fraternidade é o sinal de que aí se encontram pessoas verdadeiramente humanas e realizadas. Tal ideal, na perspectiva cristã, tem pretensões universais, diz respeito à humanidade como um todo, independentemente de sua pertença religiosa ou de sua cultura, e é suscitado pelo próprio Deus.

Acontece que, entre o ideal de uma fraternidade universal e a realidade concreta, existe uma distância que nos é intransponível materialmente. Isso significa que o ideal nunca será plenamente realizável, historicamente falando. Mesmo assim, ele permanece como motor e inspiração para a ação política, social, e mesmo individual, na busca por superar os limites com os quais os seres humanos vão se deparando em sua caminhada histórica. O que se entende aqui por realidade é aquilo que Bauman apresenta, enquanto resistência externa aos nossos desejos; quanto maior a resistência, mais “real” aquilo nos parece.³ Nesse sentido, trata-se daquilo que social e/ou naturalmente se impõe como limite aos sujeitos e que condiciona suas escolhas e ações.

É nesse sentido que se quer destacar aqui, dados os evidentes limites deste texto, apenas alguns dos desafios da realidade atual que se interpõem diante da tentativa de promover tal fraternidade e amizade social. Tais desafios acabam por, se não impossibilitar por completo, tornar extremamente difícil que esse ideal *norteie* a vida humana em sociedade. De modo especial, destacaremos a situação engendrada a partir da consolidação do neoliberalismo como a forma de governo das sociedades ocidentais e que hoje tomou dimensões globalizantes, seja porque foi sendo imposto aos quatro cantos do planeta, seja porque a

³ BAUMAN, Zygmunt. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 34.



lógica de mercado que constitui tal sistema passou a dominar todos os aspectos da vida humana.⁴

O neoliberalismo consolidou-se como o sistema sociopolítico e econômico dominante, principalmente, a partir da década de 1980. Ainda que suas origens remetam à década de 1930 – quando seus principais traços constitutivos começaram a ser pensados sistematicamente e difundidos por meio de centros de estudos financiados pelos defensores de tal ideia – foi somente com a chamada “virada neoliberal”⁵ que ele passou a ser adotado como paradigma de governo sob os governos de Reagan, nos Estados Unidos, e Thatcher, no Reino Unido. Foi se tornando hegemônico ao ser imposto aos demais países por meio de certas estratégias e instituições supranacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o Fórum Econômico Mundial.

Dardot e Laval⁶ não conceituam o neoliberalismo enquanto uma governamentalidade baseada no *princípio da concorrência em todos os níveis da vida humana* e numa noção do sujeito enquanto um “capital humano”, “empreendedor de si mesmo” que se conduz com base nas leis do mercado. O neoliberalismo vai constituir o *quadro normativo* dentro do qual toda a vida e ação humanas são compreendidas.⁷ Como eles dizem, o neoliberalismo se tornou a “nova razão do mundo”, a lógica dentro da qual as pessoas individualmente e os próprios governos se movem. As instituições passam a adotar os princípios de mercado e não só, pois também se torna necessário “conformar” os sujeitos para que possam aderir “livremente” a essa ordem, chegando mesmo a moldar a subjetividade no seu íntimo para se autocompreender e se formar com base nas leis do mercado competitivo. É a criação do que os autores chamam de “sujeito neoliberal”.⁸ Toda a vida humana passa a ser compreendida sob a forma de relações mercadológicas.

É o processo de subjetivação que leva o sujeito a internalizar essa lógica do mercado, a partir da qual ele passa a enxergar o mundo e a

⁴ Sobre isto ver: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016 e SANDEL, Michael J. *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado*. Tradução Clóvis Marques. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

⁵ DARDOT; LAVAL, 2016, *passim*.

⁶ DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9; 17; *passim*.

⁷ DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7.

⁸ DARDOT; LAVAL, 2016, p. 321ss.



compreender a si mesmo, tomar suas decisões, determinar sua conduta, estabelecer seus relacionamentos, em suma: tudo, simplesmente tudo passa a ser compreendido em termos estrita e puramente econômicos. Segundo Sandel,⁹ é quando as leis do mercado passam a invadir e *reger* campos da vida humana (como o da amizade, por exemplo) que, originalmente, eram regidos por outras normas (reciprocidade; gratuidade) que não as do mercado (ganho pessoal; custo-benefício etc.). Ele caracteriza isso como “corrupção”,¹⁰ pois altera a própria “natureza” das coisas e dos relacionamentos, que passam a ser vistos, agora, apenas como objetos consumíveis e comercializáveis.

Um dos principais obstáculos que tal sistema impõe à busca da fraternidade e da amizade social é, justamente, a competitividade em todos os âmbitos da vida humana. No neoliberalismo nega-se uma das dimensões constitutivas fundamentais do ser humano: a dimensão coletiva da vida baseada na *solidariedade*. Em seu lugar é posto que a realização do ser humano se dá em um “jogo” onde *todos são concorrentes, não irmãos* com quem se partilha a existência por meio da convivência fraterna. O mundo aparece como um “jogo” onde todos buscam apenas obter vantagens, onde a *guerra de todos contra todos* é assumida como a *forma* de viver. O Papa Francisco sintetiza essas constatações afirmando que tal forma de vida “privilegia os interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência”.¹¹ Uma sociedade assim estruturada estimula ainda mais os comportamentos egoístas e violentos.

O individualismo narcísico hodierno torna extremamente difícil a proposição de formas de vida comunitárias e de ações coletivas no nível político-social necessárias à amizade social. Han já havia notado que, numa cultura como a de hoje, sob forte influência das novas mídias digitais, as ações coletivas resumem-se a uma espécie de movimento de “enxame”.¹² Vale ressaltar que o fenômeno dessas novas mídias é algo sobre o qual ainda não possuímos uma compreensão adequada, quanto ao alcance das suas consequências. Começamos a vislumbrá-las apenas

⁹ SANDEL, 2021, p. 12-13.

¹⁰ SANDEL, 2021, p. 14.

¹¹ FRANCISCO. *Carta Encíclica “Fratelli Tutti”*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020; FT 12.

¹² HAN, Byung-Chul. *No enxame*: perspectivas do digital. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.



recentemente. E ainda há muito o que se compreender quanto às dinâmicas sociais que elas geram ao redimensionar o tempo, o espaço, as relações, as identidades, a ética e os valores.

Ondas de indignação movidas pelos afetos, em torno de questões às vezes pouco relevantes, até mobilizam, mas não são constantes, são efêmeras e amorfas, inflando-se e se desfazendo na mesma velocidade. Não são favoráveis à criação de um verdadeiro “nós” social e político.¹³ Algo que ilustra essa dinâmica é o “linchamento virtual” ou o “cancelamento”. Han mostra como a sociedade atual é uma sociedade do desrespeito. “O respeito é o alicerce da esfera pública. Onde ele desaparece, ela desmorona”.¹⁴ O sujeito neoliberal é alguém a quem falta a interioridade da reunião, que produziria um “Nós”,¹⁵ seu paradigma coletivo de movimento é como “o dos animais que formam enxames, muito efêmeros e instáveis”.¹⁶ Ele parece não possuir as disposições necessárias para uma convivência coletiva e fraterna.

Além disso, a instauração de uma mentalidade de competição vem acompanhada da mentalidade consumista e hedonista. Isso também tem consequências sobre os relacionamentos, pois passam a ser vistos como meros “meios” de se obter prazer, por meio da dinâmica produzida pelo consumo. Surge com isso a “descartabilidade” que marca o comportamento do sujeito atual, seja para com os objetos, seja para com as pessoas. “Esse processo de ‘descartabilidade’ consolida a ideia de valores voláteis e ‘egoístas’”.¹⁷ Aqueles ambientes em que se encontrava um espaço mais favorável para o cultivo de relações fraternas, que ofereciam alguma segurança (existencial), ao modo da família, ou mesmo das comunidades religiosas, agora, ao serem permeados pela visão consumista da vida, se veem fragilizados, quando não desintegrados.¹⁸ Numa sociedade regida pelo paradigma do mercado, o próprio amor passa a ser tratado como mercadoria, e a exigência por constantes novidades no consumo faz com

¹³ HAN, 2018, p. 21-23; 27.

¹⁴ HAN, 2018, p. 12.

¹⁵ HAN, 2018, p. 28.

¹⁶ HAN, 2018, p. 30.

¹⁷ MORENO, Leda Virgínia Alves. Compreendendo o tempo de incertezas para construir uma nova ética: a perspectiva de Zygmunt Bauman. In: PESSINI, Leo; SIQUEIRA, José Eduardo de; HOSSNE, William Saad (org.). *Bioética em tempos de incertezas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2010. p. 208.

¹⁸ Cf. MORENO, 2010, p. 199.



que a fluidez e a degradação sejam as marcas dos relacionamentos entre as pessoas¹⁹ (mas também com a própria natureza e os demais seres).

Em suma, com o pouco que dissemos até aqui, é possível perceber que o atual momento sociocultural e político-econômico (e por que não dizer, espiritual), não é nem um pouco favorável à dimensão coletiva baseada na solidariedade. A cultura atual lança desafios à proposta cristã, que é situada nas antípodas de tal sistema. Como propor o ideal de uma fraternidade universal e a experiência de uma amizade social em um ambiente que cria disposições subjetivas e estruturas objetivas que tendem a “atomizar” as relações, e reduzir todas as dimensões da vida humana ao consumo e a uma competição ferrenha, como é o caso do neoliberalismo? Essa é a realidade que se opõe ao desejo de uma fraternidade universal e uma amizade social. Lidamos inclusive, como é possível perceber, com uma situação que vai contra o próprio ser humano. Em última instância, está em jogo a sua própria salvação, daí a preocupação e a perspectiva de Francisco ao escrever sobre a fraternidade e amizade social, pois fazem parte do projeto salvífico de Deus. É possível, ao revisitar o tesouro da sabedoria e tradição cristãs, encontrar propostas alternativas, esperanças que desviem a humanidade da orientação que a está levando rumo a sua autodegradação e destruição.

2 Perspectivas de amizade na tradição cristã e eclesial

O tema da amizade na tradição cristã possui uma base antropológica e religiosa a ser aprofundada e mais bem conhecida. É certo que a perspectiva da revelação sobre a amizade funda-se no aspecto humano, primordial no modo de existir e de se relacionar. Também a visão do Papa Francisco se ancora nesta dupla dimensão, destacando o lugar do ser humano no mundo e sua relação com as outras pessoas, chamando cada um à plena participação e comunhão com os outros. Na tradição cristã e eclesial brota uma ética, isto é, um novo modo de se viver e se comportar a partir de uma referência centrada na revelação e no modo amoroso de Deus para com a humanidade.

Todo ser humano é sujeito pessoal, mas adquire sua objetiva personalidade somente pela relação com as outras pessoas. Mas quando

¹⁹ MORENO, 2010, p. 208.



na relação prevalece o aspecto utilitarista ou hedonista – isto é, relação objetual – sobre o pessoal, ela se torna relação objetivante ou dessubjetivante. A visão sagrada de amizade, de origem e destino humano, em um Deus que se revela, exige uma análise sobre o modo como esta experiência profundamente humana está contida nos textos fundamentais da fé cristã e eclesial.

Na língua hebraica – matriz da tradição bíblica veterotestamentária – a palavra *'agab* exprime o arder de paixão erótica, *'ahab* o amor enquanto tal, *raham* o sentir misericórdia e *'rea* indica a ideia de amizade ou parentesco. No grego bíblico da LXX – fonte da tradição neotestamentária – a palavra hebraica *'ahab* é traduzida 170 vezes por *agapao* e somente 10 vezes por *phileo*; isso influi sobre a língua do Novo Testamento. Nele nunca se usa *eromaieros* nem *stergo*; *epithymeo* exprime o desejo, *oikteiro* a compaixão; *agapao* aparece 141 vezes e *ágape* 116 vezes e indicam a específica predileção cristã; *phileo* é usado 25 vezes, *philia* 29 e indicam a amizade entre os cristãos, entre estes e Jesus Cristo ou o Pai. A língua eclesiástica latina, a partir da Vulgata, traduz e reduz *agapao* e *phileo* respectivamente a preferir a caridade. Os latinos usam dois termos: *dilectio* e *charitas* para traduzir a *ágape* grega.²⁰

Deste modo, o grego clássico, o hebraico e o grego bíblico distinguem linguisticamente amizade de amor. O termo *philia* exprime a relação inter-humana secular autônoma do *eros* humano e divino. Os termos *'rea* e *philia* bíblicos indicam a relação interpessoal humano-divina cristológica. A *amicitia* latina, não se distingue semanticamente do *amor*, corre o risco de reduzir e misturar o amor erótico com a amizade e a predileção teológico-cristã.

Como se pode perceber, a Sagrada Escritura não oferece um tratado teórico-sistemático sobre a amizade, mas se limita a indicá-la como experiência humana histórica, considerada dentro da perspectiva da fé. Se a revelação se detém em recordar que a amizade verdadeira deve ser virtuosa, não esgota em advertências éticas. Seu ensinamento primordial consiste em precisar qual é a presença de Deus entre as amizades humanas.²¹

²⁰ GUIDI, S. de. Amizade. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. Amizade. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 7-8.

²¹ GOFFI, T. Amizade. In: FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 16.



A amizade cristã é a capacidade nova de amar a todos indistintamente como Cristo amou e revelou o verdadeiro amor. O Espírito comunica a virtude infusa de amar, chamada graça caritativa. Por meio deste dom da caridade, a pessoa tem a possibilidade potencial de compartilhar do modo teândrico de amar, específico e próprio de Jesus Cristo. A amizade teândrica de Cristo é coextensiva a todas as pessoas e é dotada de tal intensidade que transcende toda amabilidade humana; é o espelho da amizade que mostra o Pai a todo ser vivente.²² Para indicar esta singular extensão e profundidade entre os cristãos, recorre-se ao termo novo *'filadelfia'*: os crentes se convertem em amigos-irmãos.²³ A amizade cristã, toda impregnada de amabilidade sobrenatural,²⁴ ao tornar-se transcendente pela caridade,²⁵ assume amplitude eclesial²⁶ e fruto da comum união entre todos.²⁷

Jesus é real e simultaneamente amigo do Pai e de todas as pessoas. Ele, segundo os evangelhos, é amigo dos publicanos e dos pecadores que o recebem,²⁸ de Lázaro²⁹ e do discípulo predileto.³⁰ Como amigo, se revela a seus amigos, isto é, comunica-lhes sua relação com o Pai e testemunha seu amor de benevolência entregando sua vida por eles.³¹ O próprio Pai, em força da amizade pascal de Cristo, continua a amar o ser humano necessitado como seu amigo,³² tem benevolência para com os amigos de Jesus Cristo³³ e concede a esses amigos³⁴ entrar no banquete da amizade eterna.³⁵ Nos escritos paulinos a amizade pascal de Cristo³⁶ é a *philanthropia* para o homem, mas como ágape do Pai infundida no coração dos fieis³⁷ por meio

²² Mt 5,45.

²³ 1Pd 1,22; 3,8; 2Pd 1,7; Rm 12,10.

²⁴ 1Ts 2,8.

²⁵ Fl 8,21.

²⁶ Hb 20,36-38.

²⁷ GOFFI, 1993, p. 17.

²⁸ Mt 11,19.

²⁹ Jo 15,15.

³⁰ Jo 20,2.

³¹ Jo 15,13.

³² Lc 11,5.

³³ Jo 16,27.

³⁴ Ap 3,19.

³⁵ Lc 15,6.9.

³⁶ Tt 3,4.

³⁷ Rm 5,5.



do dom-força do Espírito.³⁸ Deste modo, a amizade cristã permite viver e entender, integrando-os e ultrapassando-os, o amor erótico e o afetivo parental, e as relações interpessoais humano-divinas como recíproca e gratuita benevolência entre liberdades pessoais.

Na tradição cristã e eclesial, Tomás de Aquino foi o teólogo que melhor sistematizou teologicamente a amizade, enquanto forma de amor humano, vivida por Cristo numa dádiva infundável. Intuindo a originalidade do dado evangélico, definiu a caridade como “uma amizade do homem por Deus.”³⁹ Para ele, a amizade é uma forma de amor (*amor amicitiae*), a mais delicada e sublime expressão do amor humano. Baseia-se na benevolência (*amor benevolentiae*), pela qual se ama o bem em si, em contraposição com a concupiscência (*amor concupiscentiae*) com o qual amamos os objetos (coisas ou pessoas) não em si, mas para nós, em sentido egocêntrico. A benevolência é um movimento afetivo direto para o outro e nos abre a ele com um dinamismo altruístico e estativo. A benevolência funda a amizade quando consegue provocar no outro um dinamismo similar.⁴⁰

Entendemos que o Papa Francisco funda sua visão sobre a amizade social nesta fonte tomista sobre o amor de benevolência, enquanto capacitador de relações que consigam superar um ato egocêntrico. Se em Aristóteles, o grande teórico da amizade na tradição grega clássica, a amizade se subdividia em três tipos: a que se funda sobre o prazer, sobre o interesse e sobre o bem moral, para Tomás de Aquino, a amizade consiste essencialmente em um amor recíproco entre semelhantes, desejando o bem do outro em si.⁴¹ É neste sentido, que a Sagrada Escritura compreende o modo como Deus deseja que o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, participe do seu amor gratuito e incondicional, assim como Cristo participou. Deus que é Pai, na verdade, é amigo do ser humano, e se revela de forma amorosa àqueles que escolheu para colaborar em seu projeto de salvação.⁴²

³⁸ GUIDI, 1997, p. 9.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1997. In: II-II, q. 23, a.1, ad.3.

⁴⁰ ALVAREZ, T. Amizade. In: ANCILLI, E. (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. Vol. I. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2012. p. 141.

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO, 1997, In: II-II, q. 25, a.4.

⁴² MONDIN, Battista. Amizade. In: MONDIN, Battista. *Dicionário Enciclopédico do pensamento de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2023. p. 46.



A teologia contemporânea, assumida no Concílio Vaticano II, vê na amizade o modo como Deus, senhor e salvador da história, age com os seres humanos. Deus Pai autorrevela-se por meio de Jesus Cristo às pessoas como seus amigos.⁴³ Por isso, Jesus Cristo já não chama os seus discípulos “servos, mas amigos”.⁴⁴ Por isto, todos os crentes em Cristo são “irmãos, amigos e co-herdeiros”.⁴⁵ Esta amizade fundamental torna também os bispos “irmãos e amigos” dos presbíteros.⁴⁶ A atividade episcopal magisterial torna-se fecunda quanto “favorece o nascer da amizade”⁴⁷ entre os homens. Os presbíteros são entre si como “verdadeiros irmãos e amigos”.⁴⁸ Toda a ação formativa destina-se a tornar os homens “amigos” de Cristo.⁴⁹ A educação cristã tende a gerar “relação de amizade entre os alunos” e entre estes e os professores, destinada a continuar para além da escola.⁵⁰ Enfim, o testemunho da “amizade evangélica”⁵¹ pode chegar até a doar a vida “pelos seus amigos”⁵², até cooperar na edificação “da ordem internacional no respeito das legítimas liberdades e em amigável fraternidade” (GS 88).⁵³

Portanto, uma ética da amizade já encontra sua fonte na própria revelação bíblica. Na FT, o Papa Francisco desdobra esta noção revelacional

⁴³ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”: sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; DV 2.

⁴⁴ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”: sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; LG 28.

⁴⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997; LG 50.

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto “*Presbyterorum Ordinis*”: sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; PO 7.

⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto “*Christus Dominus*”: sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; CD 13.

⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1997; PO 8.

⁴⁹ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto “*Optatam Totius*”: sobre a formação sacerdotal. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; OT 8.

⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Declaração “*Gravissimum Educationis*”: sobre a educação cristã. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; GE 5; 8.

⁵¹ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; GS 49.

⁵² CONCÍLIO VATICANO II, 1997; GS 32.

⁵³ GUIDI, 1997, p. 11.



e a caracteriza no contexto da amizade social para todas as pessoas. Como o cristianismo, em sua expressão histórica, surge acolhendo e igualando a todos, é lógico que na base ética da fé cristã a amizade seja vivida em sua horizontalidade, conduzindo-a à verticalidade no encontro definitivo com Deus. Na tradição da Igreja, a amizade foi lentamente assumida pelos teólogos que a descreveram mais em seu aspecto místico-espiritual que na condição propriamente de pertença real. Em Francisco, esta noção teológica é assumida na própria eclesiologia, o que lança um olhar de esperança diante do desafio do individualismo contemporâneo.

3 O olhar esperançoso da *Fratelli Tutti* diante do individualismo narcísico

Na última parte deste artigo, procurar-se-á apresentar a FT, encíclica sobre a fraternidade e a amizade social do Papa Francisco, como um olhar esperançoso diante dos diversos e complexos desafios sociais, culturais e econômicos existentes hoje, com destaque para o individualismo. Uma análise do contexto hodierno jamais pode fazer com que se apague, dentro de nós, a luz da esperança. Esse é o primeiro convite do Papa Francisco, ao final do primeiro capítulo: apesar de tudo, caminharmos na esperança.⁵⁴ Mais do que ter esperança, trata-se de abrir-se à possibilidade de mudança ousada, o que nos impede de acomodarmo-nos à ordem presente ou cedermos ao pessimismo contagioso.

A fim de tornar isso algo concreto, o Papa apresenta, no segundo capítulo, a parábola do Bom Samaritano como paradigma capaz de iluminar a realidade.⁵⁵ Papa Francisco, por meio dela, nos propõe repensar a noção de proximidade, alargada e radicalizada por Jesus, como antídoto contra a indiferença reinante. E como desdobramento dessa noção surgem outras duas, a saber, a de sensibilidade e a de responsabilidade.⁵⁶ Em síntese, não se trata de perguntarmos quem é o nosso próximo, mas de fazermos-nos próximos a todos (sem exclusão de ninguém), como fez o bom samaritano. E essa conversão do coração e das mãos tem como fundamento último reconhecermos a nós mesmos como frágeis

⁵⁴ FRANCISCO, 2020; FT 51.

⁵⁵ FRANCISCO, 2020; FT 56.

⁵⁶ É interessante observar que a partir do capítulo II da Encíclica FT o termo “próximo” aparece 29 vezes ao longo de todo o documento, “proximidade” mais oito vezes e “responsabilidade” aparece 14 vezes, como chaves de leitura para uma conversão pessoal, eclesial e social hodierna.



e necessitados de cuidado, ao mesmo tempo que chamados por Jesus a sermos como o Pai, porque assim ele age conosco, sem obstáculos para manifestar o seu amor.⁵⁷

Esse processo de conversão, porém, nem sempre é favorecido por uma vivência religiosa obediente, baseada no cumprimento de leis e preceitos, como a própria parábola denuncia, ao falar daqueles que passam ao largo do moribundo. Para o Papa, é importante se ater a esse detalhe, pois as figuras do sacerdote e do levita advertem para o fato de que “crer em Deus e o adorar não é garantia de viver como agrada a Deus”, ao passo em que muitos não crentes podem estar vivendo melhor a sua vontade do que os crentes⁵⁸. Um exemplo concreto disso é apresentado pelo pontífice quando adverte sobre o tratamento desumano a que são submetidos muitos imigrantes, inclusive por parte dos cristãos, deixando prevalecer preferências políticas no lugar das exigências vivificantes da fé.⁵⁹

Castillo, quando analisa a mesma parábola e se detém nesta nuance dos personagens religiosos que passam ao largo, vai além e permite compreender a fundo o que diz o Papa. Segundo o teólogo espanhol, o fato de o sacerdote ser considerado “cumpridor” dos deveres religiosos e o samaritano ser o “herege” é algo elementar na parábola⁶⁰. Evidencia, dessa forma, que nem sempre a religião é capaz de nos tornar sensíveis ao sofrimento humano. Isso porque, diversas vezes, as obrigações religiosas são vistas pelos fiéis como as únicas atitudes corretas e desejadas por Deus,⁶¹ ao contrário das necessidades dos que nos cercam, relegadas a um segundo plano, sobre as quais, porém, se deteve o samaritano da parábola.

Assim, uma ética cristã do dever cumprido tranquiliza a consciência, ao passo que uma ética da necessidade vital satisfeita nos deixa em crise, nos desconcerta, pois as necessidades do outro podem nos comprometer até onde nem imaginamos, exigindo-nos uma doação sem limites, e isso nos causa medo e resistência.⁶² Todavia, segundo o Papa, esse é o único modo de vida capaz de nos realizar plenamente, ou seja,

⁵⁷ FRANCISCO, 2020; FT 60.

⁵⁸ FRANCISCO, 2020; FT 74.

⁵⁹ FRANCISCO, 2020; FT 39.

⁶⁰ CASTILLO, José Maria. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 98.

⁶¹ CASTILLO, 2010, p. 87.

⁶² CASTILLO, 2010, p. 87.



O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” aos outros. E não chega a reconhecer plenamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que comunico com o outro”. Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar.⁶³

Ademais, reconhecer a dignidade humana de cada um, diz o pontífice, é ser capaz de doar ao outro o nosso próprio tempo, deixar incomodar-se pelo outro que muitas vezes “atrapalha” nossos projetos, que não se identifica com nossos grupos, nem se encaixa em nossas classificações.⁶⁴ Contra a mentalidade de otimização do tempo em vista do lucro e da autovigilância a que o neoliberalismo nos aprisiona, é indispensável que, hoje, juntamente com um discurso de defesa dos direitos humanos, busque-se defendê-los concretamente, considerando cada um, sobretudo os feridos e deixados à margem, como dignos de nosso tempo, isto é, de nossa atenção, de nossa escuta e cuidado. A nós cristãos, essa forma de vida é a única digna desse nome, pois, a partir da encarnação, somos chamados a identificarmo-nos com o próximo, levando-nos a reconhecer o outro como a nossa própria carne.⁶⁵

Tamanha responsabilização pela vida do outro tem ainda uma outra razão de ser que deriva do coração da fé cristã. Papa Francisco observa que a parábola não descreve como foi realizada a violência, mas Jesus parte do fato consumado, o que significa que “Não nos detém na lamentação do fato, nem dirige nosso olhar para os salteadores.”⁶⁶ São coisas, infelizmente, do nosso cotidiano, as quais todos conhecemos e das quais somos testemunhas. Todavia, fixar o olhar em quem cometeu a violência deixando de lado a vítima é um erro. Não se trata de deixar impune quem age dessa e de tantas outras formas brutais, mas de não deixar que sejamos consumidos por sentimentos que nos levem a agir da mesma forma violenta, esquecendo-se do mais importante à luz do Evangelho: as vítimas.⁶⁷

⁶³ FRANCISCO, 2020; FT 87.

⁶⁴ FRANCISCO, 2020; FT 101.

⁶⁵ FRANCISCO, 2020; FT 84.

⁶⁶ FRANCISCO, 2020; FT 72.

⁶⁷ GESCHÉ, Adolphe. *O Mal*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 50.



Na perspectiva de Adolphe Gesché, é importante separarmos responsabilidade de culpabilidade diante do mal, tanto moral quanto social. Segundo ele, para que alguém seja realmente responsável não é indispensável que seja culpado.⁶⁸ Mais ainda, justamente porque não se é culpado, é que uma responsabilidade ativa pode ser vivida enquanto salvação, realização de um bem que é abundante, que não se limita à justiça, mas ultrapassa as consequências destrutivas causadas às vítimas.

Quando observamos a parábola isso fica evidente. Sobre a violência é dito que “caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto” (Lc 10, 30-31). Já sobre o bem realizado pelo samaritano é dito que

chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-te-ei quando voltar’” (Lc 10, 33-35).⁶⁹

Se para descrever o mal cometido e sofrido são usados quatro verbos, para descrever o bem realizado utiliza-se o dobro.

Nesta perspectiva, para Gesché, quando Jesus propõe a referida parábola, é do terceiro ator (não culpado, nem vítima), o bom samaritano, que se espera mudar aquela realidade, e é ele quem Jesus nos apresenta como exemplo: “Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37). Com essas palavras, diz o Papa, Jesus “desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos vizinhos a quem quer que seja.”⁷⁰ Mais ainda, pode-se dizer que somos chamados a sermos como Jesus, um responsável não culpado, capazes de carregarmos sobre nós o outro, a quem encontramos pelo caminho ou mesmo com quem partilhamos a vida. Essa atitude, porém, é possível apenas depois que o próprio Deus assim o fez conosco em Jesus, Um Ab-soluto, des-ligado de toda cumplicidade, que nos ab-solveu de toda culpa, até “ser feito pecado por causa de nós”.⁷¹

⁶⁸ GESCHÉ, 2003, p. 74.

⁶⁹ FRANCISCO, 2020; FT 56, grifo nosso.

⁷⁰ FRANCISCO, 2020; FT 81.

⁷¹ 2Cor 5,21. Cf. GESCHÉ, 2003, p. 78-79.



Justamente por isso, libertou as mediações possíveis para que a salvação continue eficaz no hoje da história, através de nós, de modo particular, por meio da caridade ou da solidariedade, como apresenta o Papa.⁷² Por solidariedade, Francisco fala do serviço concreto e multiforme de cuidar dos outros, pois “fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até ‘padece’ com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas.”⁷³

Em suma, para o Papa, por meio da Encíclica FT, o que se tem é um convite a vivermos não só a nossa condição de *capax Dei*, mas nossa capacidade de vivermos como humanos, capaz de amar. Entretanto, para isso é necessário reconhecer-se socialmente ferido pela mentalidade que nos orienta e, muitas vezes, determina nossa vida e relacionamentos. Uma vez conscientes, somos impelidos a romper com essa lógica do mercado para que, encontrando-nos com os feridos, curemos a nós mesmos, e juntos cheguemos a uma economia e uma política às quais possamos confiar aquele que encontramos à margem, para que ofereçam mais do que podemos ofertar sozinhos.

Conclusão

Como é possível perceber, a realidade atual se mostra muito pouco, ou quase nada, favorável à fraternidade e à amizade social. O neoliberalismo criou um ambiente de competição generalizada, transformando as próprias disposições subjetivas dos indivíduos, acentuando e agravando ainda mais certa tendência individualista narcísica, com efeitos nefastos para as relações, sejam aquelas no nível interpessoal, sejam as no nível social e político. A degradação das relações pela lógica do mercado competitivo, faz com que as pessoas não se vejam como irmãs umas das outras, mas como concorrentes a quem, se necessário, devem ser eliminadas para seguirem vivas na competição na qual a vida foi transformada.

Da perspectiva cristã, isso tudo é contrário à vontade de Deus que é a de que o ser humano se realize e seja de fato feliz. Tal realização e felicidade, no entanto, depende de algo que estaria inscrito no mais profundo do ser humano: a necessidade de relações fraternas, de solidariedade coletiva, relações baseadas no amor gratuito e que

⁷² FRANCISCO, 2020; FT 114-117.

⁷³ FRANCISCO, 2020; FT 115.



tem por interesse o bem do outro e de todos. O ser humano não se realiza sozinho, mas a própria realização pessoal se inscreve na realização coletiva, comunitária e social. A realização da comunidade é condição da realização do indivíduo. A ética cristã da amizade brota da revelação de Deus e de seu projeto, que se dá em e por Jesus, por meio do Espírito. A antropologia que brota dessa revelação aparece como reflexo mesmo do modo como Deus é em si (comunhão, relação) e de seu trato amoroso para com a humanidade. A amizade cristã é a capacidade nova de amar a todos indistintamente como Cristo amou e revelou o verdadeiro amor.

O Papa Francisco se ancora, portanto, na mais autêntica tradição cristã eclesial para apresentar sua proposta na FT. Tem em conta as dificuldades que a realidade atual impõe, as resistências que encontra, mas nem por isso perde a esperança. A sustenta na capacidade de abertura que o ser humano ainda possui, abertura a Deus e aos outros. Essa capacidade de abertura ao que transcende nossos limites, se converte na capacidade de ser e viver como plenamente humano e ser humano é ser em comunidade, é ser com os outros. Não de qualquer jeito, mas como irmãos e irmãs com quem se partilha a existência.

O grande desafio, diante de uma cultura que tende à individualização de tudo (cada um é responsável por si e só), é recordar a responsabilidade que cada um deve ter diante do outro, como a um irmão, de quem se deve cuidar. Sentirmo-nos responsáveis uns pelos outros para não agirmos como Caim: “que tenho eu a ver com o outro?” (Gn 4). Isso implica, não só uma transformação da intencionalidade subjetiva, mas uma mudança das estruturas para que favoreçam as condições de fraternidade e amizade social, inclusive a nível político e econômico.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015.

ALVAREZ, T. Amizade. In: ANCILLI, E. (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. Vol. I. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2012. p. 140-144.

BAUMAN, Zygmunt. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

CASTILLO, José Maria. *A ética de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.



DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica “Fratelli Tutti”*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

GESCHÉ, Adolphe. *O Mal*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GUIDI, S. de. Amizade. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. Amizade. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 7-21.

GOFFI, T. Amizade. In: FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MONDIN, Battista. Amizade. In: MONDIN, Battista. *Dicionário Enciclopédico do pensamento de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2023. p. 46-48.

MORENO, Leda Virgínia Alves. Compreendendo o tempo de incertezas para construir uma nova ética: a perspectiva de Zygmunt Bauman. In: PESSINI, Leo; SIQUEIRA, José Eduardo de; HOSSNE, William Saad (org.). *Bioética em tempos de incertezas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2010.

SANDEL, Michael J. *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado*. Tradução Clóvis Marques. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1997. In: II-II, q. 23, a.1, ad.3; q. 25, a.4

TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1997. In: II-II, q. 25, a.4.